

ESPALHAFATO

Informativo Quinzenal do Diretório Central dos Estudantes da PUC-Rio

Nós que aqui estamos por vós esperamos

Já são três anos de DCE Diversidade. Essa trajetória não foi linear. Muitos erros, acertos, mudanças de rumo, porém algumas velhas questões permanecem: como manter a renovação do movimento estudantil da PUC? Sentimos a necessidade de não cair na mesmice. Estamos cansados das entidades e organizações políticas que ignoram a necessidade de transformação, inerente à própria condição do estudante. A eleição de 2000 foi o vislumbre da possibilidade de implantar um DCE experimental, independente e com uma estrutura horizontal. Foi um momento de intensa atividade, inauguração de um período que apontava para a possibilidade de estabelecimento de um diretório crítico e atuante, o que não vinha acontecendo nas últimas duas gestões que antecederam a chapa PUC-Diversidade.

Em 2001 houve uma renovação. Estimulados pelas realizações da primeira gestão, muitos decidiram participar do DCE e levar em frente a proposta da Diversidade. Na mesma época, CA's e DCE da universidade participaram do XXVII Congresso da UNE e voltaram extremamente desanimados com o movimento estudantil do país - fragmentado, aparelhado e inoperante. Ao mesmo tempo, reafirmaram a necessidade de se continuar tentando um modelo novo de organização e atuação que não incorresse nos mesmos vícios, ainda que obstáculos tivessem que ser enfrentados. E não foram poucos.

O DCE não tem menor pretensão de ser perfeito e sabe do perigo de se isolar, tanto de outros movimentos quanto da própria PUC. Esse é o nosso maior desafio. Na última avaliação que fizemos, chegamos à conclusão de que não estávamos sendo eficazes em atingir nosso maior objetivo: a diversidade. Na ânsia de "fazer e acontecer", muitas vezes adotamos a posição de

um grupo fechado, responsável pelas atividades estudantis de toda a universidade. Isso é justamente o que não queríamos.

O choque de pessoas tão diferentes e tão intensas nem sempre resulta numa soma. Barreiras são construídas, sólidas, intransponíveis. Isso acaba sendo contraditório num espaço como a universidade, onde se pressupõe a busca constante pela união de mentes, pelo respeito mútuo, pela troca. Infelizmente a subtração do diferente tem sido uma constante no movimento estudantil da PUC, que se encontra cada vez mais esvaziado. Esse espaço precisa da cara, da voz e da coragem de pessoas dispostas a deixar nele não só mais um número de matrícula, mas uma marca de essencial importância contra o que tenta nos calar, cegar, reprimir e rotular.

Infelizmente, a Reitoria tem cumprido esse papel. Isso ficou claro na posse do DCE em 2001, quando encerraram o diálogo. Uma cerimônia que deveria ser festiva foi usada pelo Reitor para a leitura de uma carta em que restringia o direito à utilização do espaço e afirmava que, caso não fossem obedecidas as novas regras, a polícia estaria autorizada a entrar no campus.

O recrudescimento da Reitoria não nos abala. A indiferença dos demais, sim. O momento é crítico e carente de união entre alunos, funcionários, professores e quem mais estiver disposto em fazer, do movimento estudantil, um instrumento em prol de todos.

Esperamos que todos aqueles que leram esse texto até o fim tenham compreendido a nossa auto-crítica e sintam-se parte de um movimento que não tem dono e não pode ser reprimido por ninguém, pois afinal de contas somos estudantes. Estudantes debatendo, estudantes tomando para si idéias e ideais, estudantes chegando, estudantes indo, estudantes construindo novos caminhos.

Sejamos

"Cadê a minha carteira?", "Não deixe sua bolsa aí não!", "Teve outro atentado em Tel Aviv!", "Atiraram no Bondinho do Corcovado!", "Mataram um tubarão a paulada na Joatinga!", "O Beira-Mar tem ligações com as FARC!"

Em meio à nossa Guerra civil, a inacreditável governadora Garotinha nomeia seu marido para secretário de segurança. Tenta, com isso, tirá-lo do mar de lama do Propinoduto, onde se afundou até o pescoço. E ele, em seu pomposo discurso de posse, anuncia que o Estado irá reforçar seu efetivo nesta Guerra com novos helicópteros e cabines blindadas nos polígonos de segurança. Chega! A esperança a que se roga não é mais na utopia. É torcer para que a merda não feda do nosso lado. O sentimento de não pertencimento a este mundo é acompanhado da triste constatação de que, de um jeito ou de outro, também somos integrantes deste sistema que criticamos e procuramos transformar. Para onde vamos nesse caos, se ele já foi naturalizado?

As soluções são sempre emergenciais, a vida é muito bonitinha nas novelas e nos comerciais. Vivemos em condições especiais. A morte não chega a ser uma amiga muito íntima, porém é como aquela colega chata de sala do primário: não gostamos de cumprimentá-la, mas sempre senta ao nosso lado. A gente fica disfarçando, olhando fixo para frente e, de repente, acaba caindo no buraco. Mas tudo bem, a paranóia de um assalto resolve-se com um *spa*. É a regra do cada um por si e todos contra todos - essa tristeza de pobre matando pobre.

Repressão, repressão, repressão. Parece até que as "autoridades" só agora constatarem que perderam completamente o controle da situação. Quanto mais uma comunidade é forte, mais brando é seu código penal. A justiça tem valor quando é um artifício da natureza para construir o homem que consegue lidar com as imposições culturais, sem se deixar apagar por elas. Homens que são legisladores antes de legislados, capazes de tomar a dianteira do que lhes confere. Prometer, pensar para frente, lembrar do presente. Sem amarguras ou ressentimento. Sem culpa ou má consciência.

Precisamos parar de querer ser os Estados Unidos, ou a França, ou a Coréia do Sul. Precisamos parar de ter medo de ser uma Argentina, ou uma Colômbia, ou uma Cuba. Fica a dicotomia e acaba não sendo nada. Vamos é ter coragem de ser quem formos.

A realidade da qual fazemos parte não é espelho de uma essência imutável, ao contrário, é fruto de uma construção histórica, na qual todos são agentes. O presente é completamente passível de transformação, o futuro será o que fizermos deste instante. Nós só podemos viver se tivermos força para dissolver o passado. Ao invés de nos confundirmos nesse imenso rebanho, devemos ter coragem de ser intensos, ser felizes, mesmo no meio de tanta miséria. Quem não quer ser para fora? A vida é uma experimentação. O pensamento é uma experimentação. E isso é que é liberdade.



**"Brilhar pra sempre
Brilhar como um farol
Brilhar com brilho eterno
Gente é pra brilhar
Que tudo mais vá pro inferno
Este é o meu slogan
E o do sol"**

Maiakóvski

Informes

..... **Reunião geral do DCE:** neste mês estão ocorrendo todas as terças-feiras, às 19hs, na casa II da Vila dos Diretórios. No dia 27 de maio, excepcionalmente, a reunião vai se realizar nos Pilotis K, às 11hs, na tentativa de atrair mais interessados. As reuniões são abertas, contamos com a presença de todos.

..... **Festinha na Vila:** Nesta quinta-feira, dia 22, vai rolar o Projeto Casarão, na Vila dos Diretórios. O evento é uma grande festa em várias casinhas: o CACOS fará uma mostra de vídeos, o CASOC terá apresentação de poesias e no CRAA vai rolar um forró. Na rua da Vila acontecerá o show da banda de reggae Ponto de Equilíbrio. Apareça!

..... **Pós Fórum Social Mundial na PUC:** dias 27 e 28 de maio, entre 11 e 16 horas, vai rolar uma discussão nos Pilotis K sobre os desdobramentos do evento.

Expediente

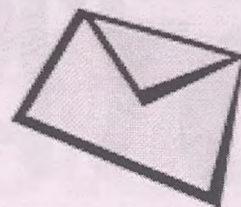
Espalhafato é uma publicação do Diretório Central dos Estudantes da PUC-Rio R. Marquês de São Vicente, 225, casa 2, Vila dos Diretórios. Tel 2249-9542 e-mail: espalhafato@hotmail.com Rodado na Document Center, apoio Vice-Reitoria Comunitária Tiragem: 2000 exemplares

Conselho Editorial: Carolina Benjamin, Clara Cavour, Miguel Lindenberg e Pedro Gomes Ribeiro.

Projeto Gráfico: Rafael Ortman

Diagramação: André Dahmer e Pedro Gomes Ribeiro

fala, Aluno



Prés em questão

• A constituição de uma favela baseia-se na exclusão, exclusão esta que corrobora com a idéia de valor racial, étnico e cultural. Concomitantemente, surge assim a noção de marginalidade.

No compromisso em romper, livrar e libertar, o favelado estabeleceu um conjunto de alternativas práticas oriundas de sua própria visão holística (não condizentes em momento algum com as propostas reformistas ou universalistas feitas por *aquele lado ou pelo outro lado*) que contempla positivamente a ceara do culto à ancestralidade, cerne fundador da temática Quilombola.

Os cursos comunitários existentes nas favelas foram e são efetivamente a expressão do compromisso libertário. A iniciativa pioneira se originou na África do Sul em pleno Apartheid, quando Steve Biko, assassinado pelo monopólio da força política da época, tentou implantar uma micro-educação na qual o negro é colocado e se coloca como o cerne das questões.

A formatação de leis dentro de um estado racista visa, entre outros, progressivamente ordenar grupos étnicos em círculos marginais, pois, devido a nossa fácil identificação pré-vestibulares comunitários e/ou para pessoas carentes buscam somente a Democracia e a Igualdade pela marca – cor de pele – se gera a diferenciação, dessa forma, nós negros somos adequados a categorias marginais. No Brasil, a exclusão educacional, logo social, teve como resposta a sua versão própria nos pré-vestibulares comunitários trabalhados por Fernando Conceição na Favela de Salvador, chamada Calabar.

Algumas correntes de pré-vestibulares comunitários e/ou para pessoas carentes buscam somente a Democracia e a Igualdade pautadas em interesses estrangeiros e empresariais, que visam a mudança da comunidade pela própria comunidade. Já nós, do Grupo de Consciência Negra Lélia Gonzalez, encaramos o pré-vestibular comunitário como um veículo capaz de lutar ao mesmo tempo por direitos sociais, civis e políticos baseados nas culturas tidas e ditas como folclóricas, como as de etnias negras e indígenas, minorias religiosas e culturas consideradas inexpressivas, como o cangaço dentre outras; análise essa que nós desprezamos peremptoriamente.

Alexandre, Ciências Sociais e Fábio, História

• No Brasil não é mais possível ignorar que o sistema de acesso ao ensino superior privilegia determinadas classes e grupos sociais que são, notadamente, a população branca e as classes média e alta; que a escola pública de ensino básico está aquém de uma formação cidadã e daquilo que os vestibulares exigem dos estudantes; e, que o racismo e a discriminação são graves problemas da sociedade brasileira, diretamente relacionados com as péssimas condições de vida da maioria da população.

Esse quadro fez surgir, em todo país, cursos destinados à preparação de estudantes negros e carentes para os vestibulares das universidades públicas. No Estado do Rio de Janeiro existem cerca de 170 cursos desta natureza. Em São Paulo, existem aproximadamente 100 cursos. Além disso, temos registros de cursos nos estados da Bahia, Pernambuco, Mato Grosso, Minas Gerais, Espírito Santo, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e outros Estados.

O surgimento dos Cursos Pré-Vestibulares Populares, principalmente dos Cursos Pré-Vestibulares destinados a estudantes negros e de baixa renda, denuncia o quadro de desigualdade de oportunidades educacionais entre as populações negra e branca. O trabalho desses cursos já conseguiu levar mais de 5000 estudantes negros e carentes às universidades públicas e privadas. Além disso, os cursos pré-vestibulares populares têm dado importantes contribuições para a democratização do acesso ao ensino superior, através de negociações com as universidades para garantir isenções de taxa e bolsas para os estudantes, das ações judiciais contra a inconstitucionalidade das taxas de inscrições, da formulação de propostas de políticas de promoção de igualdade e da participação de vários fóruns de debates.

Em 2000, representantes de cursos pré-vestibulares populares de Santa Catarina, Rio Grande do Sul, São Paulo, Brasília, Espírito Santo, Minas Gerais e Rio de Janeiro estiveram reunidos na Universidade Federal de Santa Catarina, para trocar experiências e iniciar um processo de discussão sobre educação no Brasil. Uma das deliberações mais importantes do encontro foi à realização, no Rio de Janeiro, de um encontro nacional de maior amplitude, com representantes de cursos pré-vestibulares populares de todas as regiões do país.

Em 2002, aconteceu o II encontro Nacional de Pré-Vestibulares Populares. Questões sobre Educação Brasileira, Desigualdades Sociais e Educacionais, Políticas de Ação Afirmativa, Propostas político-pedagógicas para os Pré-Vestibulares, Propostas de Políticas Públicas estiveram na pauta do Encontro. E, diante dos desafios, da necessidade de conhecimento da realidade nacional e da necessidade de fortalecimento dos pré-vestibulares populares foi constituída a REDE NACIONAL DE PRÉ-VESTIBULARES POPULARES. (Mais em www.pvnc.hpg.com.br).

Jobson, Mestrando em Letras

Manifesto contra a guerra

Semanas após o término da Invasão no Iraque ficou provado a falsidade em todos os argumentos de George Bush. Não acharam armas químicas, biológicas ou de destruição em massa, nem provas que liguem Saddam Hussein à qualquer organização terrorista. Ficou claro que os objetivos americanos eram outros - e esses outros objetivos foram conquistados.

Os Estados Unidos, junto com a Grã-Bretanha de Tony Blair, ocuparam o território iraquiano e impuseram seus levianos interesses. Primeiro, tomaram conta de todos os poços de petróleo. A seguir, permitiram a destruição da história e, junto com ela, da cultura iraquiana. Agora, estão começando a instalar bases anglo-americanas em pontos estratégicos do território iraquiano. Posteriormente vão tentar impor seu "modelo democrático" - a última tentativa em promover tal ação em países islâmicos ocorreu no Afeganistão, hoje o país vive uma guerra civil.

Deve-se esclarecer que o Iraque ocupa uma posição fundamental no Oriente Médio. É o maior país territorialmente e com maior reserva de água potável da região. Fica próximo à China, que pode vir a ser uma ameaça aos interesses anglo-americanos. Há também a defesa do dólar frente ao Euro; moeda não aceita pelos ingleses e que foi aderida pelos países árabes na venda de petróleo. Os Estados Unidos e a Grã-Bretanha estão impondo um sistema político, social e econômico no Iraque. Os interesses da Invasão no Iraque vão além da questão do petróleo, busca-se uma mudança estrutural e autoritária.

Não podemos esquecer que os Estados Unidos e a Inglaterra, para entrar em guerra com o Iraque, ignoraram a posição da ONU. Apesar de França, Alemanha, Rússia e China vetarem a ação, o Exército das Forças de Coalizão consolidou a invasão. Causou estranheza a posição da União Européia que, por não conseguir chegar a um denominador comum, simplesmente se omitiu de qualquer atitude em relação ao massacre promovido por George Bush e Tony Blair. Se os países não respeitam as Nações Unidas e se os governantes ignoram a posição de seus povos, será que podemos nos considerar numa democracia?

Vivemos no sistema capitalista. Um sistema que precisa guerrear para se nutrir. A economia mundial estava desaquecida após a queda do furor com a informática, a guerra fez com que os governos comprassem armas. Essas vendas moveram milhões de dólares e aqueceram a economia capitalista.

A guerra não é a forma de solucionar os problemas. Mata-se muito e a maioria dos mortos são civis inocentes. Os outros civis que sobrevivem ou ficam aleijados, ou passam fome ou sofrem outra tragédia. A guerra sempre faz mal para o povo.

Por isso, vamos reagir a essa barbárie anglo-saxônica de forma pacífica mas não menos poderosa. Boicotaremos os produtos americanos e ingleses. Já há uma mobilização no mundo todo para essa atitude e, felizmente, está dando certo! Algumas megaempresas já registram queda no faturamento e estão preocupadas com o crescimento desse movimento. Essas grandes empresas ajudaram Bush e Blair a ganhar o poder, boicotá-las é atacar os interesses colonizadores.

**Se eles compraram a guerra
nós não vamos comprar seus
produtos!**

Ao invés de ficarmos simplesmente nos ressentindo com a guerra (ah, como Bush e Blair são malvados...) tratemos de fazer alguma coisa. Falar sempre foi fácil. Mas não estamos aqui querendo dar uma de vigilante ideológico não, faz quem quer.

**Aqui vai uma lista de algumas das
principais empresas a serem boicotadas:**

Ford, McDonalds, Phillip Morris, Guaraná Kuat, Coca-Cola, Esso, Shell, Texaco, Santander, PepsiCola, Nabisco, Hershey's, Arby's, GM, Domino's Pizza, BlockBuster, Budweiser, Pringles, Kelloggs, TIM, Nike, Reebok, Microsoft, IBM e Kodak.

**E aqui uma lista possíveis similares
substitutos:**

Petrobrás, Ipiranga, Guaraná Antártica, Guaraná Brahma, Sukita, tubainas em geral, Garoto, Neugebauer, Volkswagen, Mercedes, Peugeot, Citroën, Antártica, Brahma, Skol, Skin, Sol, Baden Baden, Piraquê, Lucky, Arcor e Mabel.

